
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Anais
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"

O INTERTEXTO DA LITERATURA RELIGIOSA AUTOBIOGRÁFICA AGOSTINIANA COM AS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO*

Pompeia Rosalia Sena Maltese, UNICAP**

Resumo

A literatura religiosa autobiográfica tem despontado como objeto de interesse nas Ciências da Religião, uma vez que põe em realce a perspectiva experiencial dos seus autores em sua busca de sentido existencial. Tomando como base o livro *Confissões* de Santo Agostinho e sendo o mesmo considerado a primeira literatura religiosa autobiográfica cristã, buscaremos evidenciar a questão experiencial deste autor a partir da perspectiva fenomenológica. Nela, podemos apontar determinadas categorias especificamente dimensionadas no âmbito da existencialidade, tais como: subjetividade e intersubjetividade, realçadas neste tipo de literatura. Uma vez que tais relatos são carregados de *ressignificações* existenciais, a perspectiva fenomenológica nos abre a este campo de compreensão. A experiência do sagrado torna-se presente em todas as culturas, deixando seus vestígios que se perpetuam de forma plural na trajetória da humanidade, abrindo-se a um campo interdisciplinar, como seja o linguístico, literário, psicanalítico, de maneira a promover um diálogo nestas áreas em relação aos seguintes conceitos: dialogicidade, alteridade, fenomenologia, entre outros. A transversalidade de conhecimentos das Ciências da Religião favorece-nos neste contraponto, equacionando o levantamento de questões para a compreensão do dado religioso e sua problematização.

Palavras-chave: Literatura religiosa autobiográfica. Intersubjetividade. Interdisciplinaridade.

Introdução

A literatura religiosa autobiográfica tem despontado como objeto de interesse nas Ciências da Religião, uma vez que põe em realce a perspectiva experiencial dos seus autores em sua busca de sentido existencial. O texto autobiográfico por si só é um elemento produtor de diálogo, pois, via de

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia, realizado entre os dias 8 e 10 de setembro de 2016, na UNICAP, Recife. GT 11 – Fenomenologias, história e religiões.

** Doutoranda do Programa de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); graduada em Filosofia (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Psicologia (Licenciatura, Bacharelado e Formação de Psicólogos) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); aluna do curso de Bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).
E-mail: pr.maltese@yahoo.com.br

regra, nos remete a uma interlocução. Mais ainda quando se trata de um texto autobiográfico de caráter religioso. Neste sentido, temos, portanto, um *intertexto*, aquele texto com o qual seremos remetidos a olhar a nós mesmos a partir do outro. Por sua capacidade de ressoar impressões em nós, trocaremos com ele experiências, uma vez que ele em nós se instala e nos comunica algo. O elemento religioso, congregado a esta literatura, salienta essa sua característica de *dialogicidade*.

Considerando esta interface entre a Religião e as diversas Ciências, pretendemos, pois, apresentar com este nosso trabalho um *intertexto* das Ciências da Religião com uma obra literária, a princípio da área da Filosofia e da Teologia – e, neste caso em particular, da Teologia cristã –, mas que tem suscitado interesse no campo da Psicologia, da Linguística, da Psicanálise, da Crítica Literária e de tantos outros campos do saber, ou seja, a obra autobiográfica de Santo Agostinho, o seu livro Confissões, escrito nos anos de 397 a 398 d.C, quando nosso autor contava com 42 a 43 anos[1].

A temática a respeito do *sentido da vida* tem sido abordada atualmente de forma sistemática no campo das Ciências Humanas e Sociais, entre as quais queremos destacar aqui – pois nos toca mais particularmente – a Psicologia em seu viés Clínico e mais ainda pelo crescente interesse que a terapia de Victor Frankl tem despertado nesta área junto àqueles que trabalham com as psicoterapias. O próprio Victor Frankl faz uma sua autobiografia em seu livro "*Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*", onde ele se refere à sua experiência de sobrevivência nesta situação inóspita. Não podemos deixar de nos referirmos a Berger e Luckmann em seus enfoques de *crise de sentido* da nossa sociedade pluralista. De lá pra cá, cresce a tematização sobre esta abordagem da busca de sentido na vida. Dissemos anteriormente que este tema vem sendo abordado de forma sistemática porque, invariavelmente, ele tem sido

[1] Alguns autores estendem o período de redação deste seu livro até o ano 400 d. C.

recorrente ao longo da história humana, entre as quais aquela referente ao autor que trazemos em pauta.

Busca de *sentido* na vida, *dialogicidade*, *subjetividade*, *intersubjetividade*, *cuidado* – terminologia aparentemente elementar, mas muito em voga atualmente – são elementos que confluem à instauração de um novo paradigma interrelacional. Vivemos imersos num cenário de fundamentalismos e extremismos em passos assoberbados e assustadores, com um alavancado nível real de sofrimento de populações inteiras. Na tentativa de estabelecer um diálogo com as Ciências da Religião precisamos refletir sobre estes pontos em vista de restaurar o que está contido na compreensão do termo Religião – a partir de sua raiz etimológica – em um de seus aspectos, como seja o de *religação* e, com isso, *ressignificá-lo* – utilizando outra terminologia também bastante mencionada atualmente.

Tentaremos, portanto, expor uma pequena parte desta vasta área da literatura religiosa autobiográfica a partir da autobiografia agostiniana retratada em seu livro *Confissões* e, com ela, adentrar na terminologia aqui apresentada na busca de um diálogo que ensejamos ser profícuo.

Sob o viés da literatura autobiográfica

No que se refere, *en passant*, à literatura autobiográfica, trazemos aqui o que está contido no artigo de Douglas Conceição (2015, p.144):

> Autobiografia é o termo que encontramos com maior frequência nos estudos que trataram e que ainda tratam de uma enorme sorte de textos cuja voz enunciativa apresenta-se em primeira pessoa.

Alguns nomes são apontados como responsáveis pelo interesse e inspiração que vem sendo recorrentes nesta área e aqui queremos citar ainda, além do referido autor, o artigo de Ivani Gonçalves – em nosso meio – e mais três deles, como sejam, Philippe Lejeune, Georges Gusdorf e Jean Starobinski, considerados autores clássicos neste fomento (CONCEIÇÃO,

2015, p.145). À parte determinadas restrições que Gusdorf relata sobre a obra de Lejeune, alguns elementos devem ser referidos a este último no tocante à obra autobiográfica agostiniana: nas *Confissões* de Agostinho, encontramos vivamente a total coincidência entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem* desta sua obra (CONCEIÇÃO, 2015, p.166).

As Confissões como literatura religiosa autobiográfica

As *Confissões* de Santo Agostinho são consideradas a primeira literatura religiosa autobiográfica cristã (CONCEIÇÃO, 2015, p.167) e a partir dela suscitou-se o reconhecimento de uma consciência de *subjetividade* propriamente dita, muito embora não sistematizada, o que só veio a acontecer a partir da Idade Moderna, com a tematização do sujeito proveniente da compreensão do racionalismo cartesiano e da filosofia transcendental kantiana, o que não quer dizer que esta temática – embora não sistematizada – não existisse. Buscaremos, assim, evidenciar a questão experiencial do nosso autor e, dentro dela, consideramos a perspectiva fenomenológica como aquela que melhor se apresenta para a nossa compreensão, uma vez que a mesma favorece uma análise existencial daquilo que se compõe como um relato de experiências. Pretendemos apontar as categorias de *subjetividade* e *intersubjetividade* realçadas neste tipo de literatura, pois como já dissemos antes, tais relatos são carregados de *ressignificações* existenciais que, por sua vez, se refletem nas relações interpessoais.

A obra agostiniana, em sua vertente autobiográfica, tem sido objeto de estudos linguísticos e psicanalíticos, sobre a qual esta última – a psicanálise – tem se debruçado incessantemente em relação à temática do inconsciente, do complexo de culpa, do Édipo e tantos outros aspectos que se podem entrever. A linguística, do mesmo modo, tem se debruçado sobre

esta sua obra, pelo estilo de linguagem do nosso autor que se reflete neste seu livro, *Confissões*, considerado como de uma poética sem par no conjunto de sua obra. Objeto de várias ciências, portanto, muito já se abordou deste seu escrito. A transversalidade de conhecimentos das Ciências da Religião favorece-nos neste contraponto, equacionando o levantamento de questões para a compreensão do dado religioso e sua problematização. Podemos nos perguntar em que medida uma experiência particular pode mobilizar outras experiências e transformá-las. Em particular, as experiências religiosas, quaisquer que sejam, estão permeadas neste sentido do *Divino* e do *Sagrado* e, portanto, estão atravessadas por um *Outro*[2] que as constitui. A perspectiva fenomenológica nos abre a este campo de compreensão, uma vez que nos remete ao fenômeno religioso e sua forma de *afetação* na vida daqueles que o experienciam. O *outro* – divino ou humano (interpessoal) – constitui-se assim como uma *questão*, *provocação* ou *invocação*, se quisermos traçar uma problemática levinasiana nesta discussão.

No tocante à literatura religiosa autobiográfica os interlocutores desta troca *dialógica* nem sempre o fazem em caráter sincrônico com o autor que a apresenta e é o caso do livro em questão, do qual muito já se relatou de conversões dele advindas. A este respeito, na célebre passagem do Livro X*, 27.38* (*Tarde Vos Amei!),* encontramos na nota do tradutor o seguinte comentário: "Este clamor de pródigo e de esteta converteu a elegante M.elle Lionne, ao escutá-lo da boca do orador P. Cláudio La Colombière, que a Igreja depois beatificou" (SANTOS; PINA apud Agostinho, 1987, p. 190). Tal conversão e seu relato não são contemporâneos do nosso autor e foram-nos transmitidos séculos mais tarde.

[2] Ao longo do texto, em geral, grafamos *Outro* – em maiúscula – para nos referimos ao transcendente e *outro* – em minúscula – quando nos referimos ao indivíduo. Do mesmo modo, utilizaremos a palavra Deus em algumas referências a Agostinho – não todas – e deus no sentido do divino, sem referência específica.

Experiência e dialogicidade[3]

Não só na obra agostiniana, mas em toda literatura religiosa, deparamo-nos, portanto, com algo que lhe é característico, conforme mencionado, ou seja, seu elemento *dialógico*. No caso da obra agostiniana o próprio autor explicita bem isto. Ao início do Livro X de suas *Confissões* – "*Confessar-me aos homens?!*" (AGOSTINHO, 1987, p.171) – traz-nos um elenco de justificativas para sua exposição. Existe toda uma intenção ao confessar-se. As suas *Confissões* encerram uma realidade de testemunho que, em si, contém uma função formativa ou, dito de outra forma, uma função *pedagógica*: o testemunho oral ou escrito vai servir como *interlocutor* do outro que detém uma espécie de diálogo com esta experiência e que poderá identificar-se com ela. Ele próprio assim o traduz quando refere: "Quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma no desespero nem diga: 'não posso'" (*Conf*. X, 3.4). Esta troca de *interlocução* dá-se naturalmente, pois a experiência humana, embora única, é também similar a todo gênero humano, representando para cada um em particular um mistério a ser decifrado, podemos mesmo dizer um código ou, no dizer do próprio autor, um enigma: "Sobre este ponto não sou eu um enigma para comigo mesmo?" (*Conf*. X, 37.61). Torna-se, assim emblemática esta abordagem da sua experiência.

Nesta mesma linha de reflexão – anterior às *Confissões* –, nosso autor expõe algumas destas suas inquietações em seu livro *Solilóquios*, no qual mergulha em seu próprio pensamento. Enquanto nas *Confissões* ele o faz em forma de narrativa, prosaicamente, nos *Solilóquios* encontramos uma

[3] A *dialogicidade* é algo que constitui-se, etimologicamente, como algo que se dá *através de*, atravessado pelo *logos*, donde dizemos que este *diá* é mediado pela *razão*, *sentido*, *porquê* ou *conhecimento.* Nesta perspectiva, vai se reportar inequivocamente a um *outro*. O *outro* é a transversalidade do conhecimento do *si mesmo*. É o elemento dialógico que constitui a cada um de nós em nossa subjetividade e que se vê atravessado, portanto, em nossa intersubjetividade. Sem o *outro* não existiria, pois, a constituição do *si mesmo.*

inquirição aos moldes socráticos, em forma de diálogos[4]. Quem sabe, poderíamos dizer que, enquanto em suas *Confissões* sua exposição é mais emocional, no *Solilóquios*, o seu método é racional e o pensamento precisa de um interlocutor, estabelecendo uma relação de dialogicidade com o *Eu*, melhor dizendo, de *soliloquacidade*[5]. O esclarecimento do conhecimento da fé brota-lhe desta discussão do pensamento consigo mesmo.

Embalado nas concepções de um *Eu* que vai se desdobrando na busca do seu autoconhecimento, Agostinho traz-nos à tona nestes seus escritos e, particularmente nas *Confissões*, a idéia de *drama humano* ou *conflito*, num embate profundo consigo mesmo onde instala-se dentro de si um *sentimento de culpa*[6]: "Mas aquelas minha ânsias devorantes precisavam de encontrá-lo muito desocupado, para com ele se abrirem largamente"(*Conf*. VI,3.4); "Esta controvérsia em meu coração era apenas eu a lutar comigo mesmo" (*Conf*. VII, 11.27). Agostinho compreendeu toda a *irracionalidade* do *querer* humano em conflito com suas próprias pulsões. A emergência do *Eu* seria assim possível, porém diante de algo que o despertasse: o *drama existencial* humano. Através dele, nosso autor passa a desenvolver toda sua concepção de *antrophos (ανθρωπος),* ou seja, toda a sua antropologia que, naturalmente, vai conduzi-lo às suas demais obras nas quais a questão ética vai se dimensionando.

[4] Após sua conversão, Agostinho retirou-se, juntamente com alguns amigos e também sua mãe, para uma aldeia ao norte da Itália onde escreveu, entre outros livros, os *Solilóquios*, ao estilo da literatura antiga que era o de perguntas e respostas. Estes livros ali escritos ficaram conhecidos como os *diálogos de Cassicíaco*, nome da região na qual se refugiara. Atribui-lhe este nome porque ao contrário de dialogar com seus amigos, dialoga consigo mesmo.

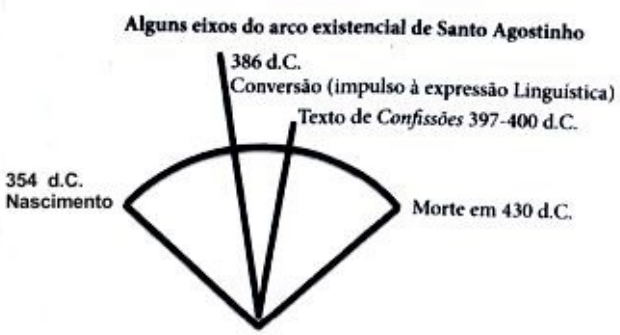
[5] Nos *Solilóquios*, escrito em forma de diálogos, o seu interlocutor é a *Razão*. Uma vez que tal diálogo está posto na *letra*, como um texto, vai estabelecer uma *interlocução* também com o leitor. Embora tal constatação pareça deveras elementar, trazemo-la aqui no sentido de dar ênfase ao que referimos sobre a *dialogicidade* em Santo Agostinho e ao seu realce à questão do *outro* (interpessoal), de acordo com o que foi citado anteriormente: "[...] quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma no desespero nem diga: 'não posso'" (*Conf. X*, 3.4).

[6] A despeito disto, vemos também aqui uma terminologia que só vai ser elaborada mais tarde, com o advento da Psicanálise. Isto não nos impede de apontá-la em relação ao que a experiência de Agostinho nos traz. Podemos dizer o mesmo em relação ao termo *conflito,* ao qual nos referimos acima.

A partir do seu próprio conflito, aos poucos, ele vai explorar questões mais específicas que se adentram no universo cristão como as noções de *livre-arbítrio*, de *liberdade*, *pecado*, graça, entre outras, sendo estas as que mais se circunscrevem à ideia de um *drama humano* e que passarão a ser utilizadas em suas demais obras. Embora o *drama* como categoria fosse conhecido a partir das representações das tragédias gregas, a experiência trazida por nosso autor vai conferir a este *drama* humano um caráter profundamente *subjetivo* e marcante de uma "*pessoalidade*" que irrompe num plano acentuadamente *individualizador*, no qual o homem, encontrando consigo mesmo, com a essência de sua alma, encontra o seu *eu* mais profundo. A jornada do homem na busca por si mesmo se dá, portanto, no recôndito de sua *interioridade*. Desta forma, "o *ponto de partida* para a busca da Verdade não se acha, pois, no exterior, no conhecimento sensível, mas na *intimidade da consciência*, na experiência que o homem possui da sua própria vida interior" (NAVARRO CORDÓN; CALVO MARTINEZ, 1985, p. 92). Aqui nos deparamos com a questão acerca da *verdade*, com a qual as Ciências da Religião tiveram que se confrontar inicialmente e ainda hoje. Ao lado da questão sobre a verdade, acercaram-se as da *origem*, *função* e *sentido* da religião (CRUZ, 2013, p. 40).

Muito elucidativa é uma construção espacial que nos traz o autor anteriormente citado, Douglas Conceição, denominado por ele de *arco existencial*, exposto a seguir, que coloca em foco a experiência da conversão de Santo Agostinho ao cristianismo, em 386 d. C., aos 32 anos. Vejamos, portanto, esta sua trajetória.

Figura 1: Arco existencial de Santo Agostinho



Fonte: Conceição (2015, p.153).

No jardim de Milão: conversão e interioridade

> Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem (*A verdadeira religião*, 39. 72).

Utilizaremos aqui algumas ideias contidas em outro texto de nossa autoria para expor a experiência de conversão de Santo Agostino ao Cristianismo, a partir da qual nosso autor faz dela um mergulho em sua *interioridade*. A perspectiva da *interioridade* é acentuadamente marcante em toda sua obra. Este mergulho em si mesmo dá-se mais particularmente em suas *Confissões* onde, segundo Strefling (2007, p.260):

> [...] Agostinho apresenta-se como o sujeito que descobre o fundamento subjetivo da certeza, não só como fundamento cognitivo, mas também como fundamento moral. Trata-se de uma obra-mestra nos aspectos literário, teológico e filosófico. Explora extensamente os estados interiores da mente humana [...], que são temas dominantes na história da filosofia e da teologia ocidentais [...]. Foi a obra de Agostinho mais estudada no século XX e segue atraindo a atenção de historiadores, teólogos, filósofos, filológos e psicólogos.

Agostinho narra esta sua experiência de forma pungente:

> Assim falava e chorava, oprimido pela mais amarga dor do coração. Eis que, de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se de menino, se de menina. Cantava e

> repetia frequentes vezes: "*Toma e lê; toma e lê"* (*Conf.* VIII, 12. 29).

Tendo-se retirado para o jardim nos fundos da casa que alugara em Milão, entre soluços, no embalo daquela voz melodiosa, nosso autor, impetuosamente, lança-se às páginas do livro que deixara largado na casa quando de sua conversa com o amigo Alípio. Lá, muda-se toda a trajetória de sua vida a partir da exortação do apóstolo Paulo na *Carta aos Romanos* em seu Capítulo 13, 13-14. Diz-nos o autor:

> Agarrei-o, abri-o e li em silêncio o primeiro capítulo em que pus os olhos: "Não caminheis em glutonarias ou embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites". Não quis ler mais, nem era necessário (*Conf*, VIII, 12. 29).

Logo em seguida refere: "Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram" (*Conf.* VIII, 12. 29). Fora dissuadido de toda dúvida que assolava seu espírito até então e, a partir daí, remete-se a uma análise retrospectiva pela busca de sentido na vida.

Segue-se um itinerário formativo e a produção literária do nosso autor que se debruça em considerações antropológicas – apoiadas nas Escrituras bíblicas – após sua conversão. O Livro X de suas Confissões contempla-nos com o que parece uma espécie de culminância do drama vivenciado por Agostinho, na célebre expressão de fé quando declara: "*Tarde vos amei!".* Conforme dissemos antes, este capítulo tornou-se emblemático pelo arroubo através do qual, para muitos, suscitou uma conversão cristã. O seu caráter apaixonado, seu efervescente entusiasmo, torna arrebatador o interesse literário a esta sua obra – conforme já mencionado – tanto quanto à personalidade do nosso autor.

Passados cinco anos de sua conversão, Agostinho torna-se sacerdote em Hipona e, após mais quatro anos, bispo desta cidade, onde permanece com sua produção literária em meio ao seu exercício de pastor que não

negligencia mesmo em face à efervescência literária com a qual se detém. Nela, coloca em realce o que ele passa a conceber como uma força motriz a partir de sua concepção de *ordem* no mundo: a *ordo amoris*[7], notadamente implicada à ideia de relação. Não é com traços autoritários que Agostinho reconhece a Deus e sim como *amor*. Um amor que busca corresponder à experiência de quem se sentiu amado por primeiro. O amor aparece em sua obra como uma *categoria fundante,* não é uma simples palavra, é uma lei natural que, própria do homem, lhe é constitutiva enquanto *imagem e semelhança* de Deus[8]. Daí, o aporte de sua *interioridade* como *via* ou caminho neste restaurar do homem a si mesmo.

A perspectiva fenomenológica

Com relação à fenomenologia, a referência que lhe é mais comum é o de "ir às próprias coisas", ou em outras palavras, de ir ao próprio fenômeno para investigá-lo – e desvendá-lo – tal como se mostra em si mesmo. É próprio da perspectiva fenomenológica colocar a vivência em relevância, ou seja, o seu enfoque diz respeito àquilo que é vivido, portanto, experienciado, para daí ser colocado em contato com os elementos da consciência e trazido à luz da reflexão. A consciência é a doadora de sentido a tudo o que a nós se apresenta no mundo. Neste contato reflexivo, a consciência vai permitindo as *elaborações* da experiência (o vivido) – se quisermos adentrar num enfoque mais psicológico. Não é à toa que na interface da Filosofia e da – emergente – Psicologia Clínica, a Fenomenologia viesse a conquistar um terreno garantido. A *interioridade* agostiniana nada mais é do que em Psicologia seria chamado de *vida psíquica*. Muitas análises e elucubrações psicológicas já foram realçadas, sobretudo pela psicanálise – conforme mencionamos anteriormente – , em

[7] Mantivemos aqui o termo original em latim, o qual é frequentemente referido por seus comentadores.
[8] Lembremos que nosso autor é um teólogo cristão que retira toda sua compreensão das Escrituras bíblicas.

considerações sobre nosso autor, elementos estes cujo contraponto, a nosso ver, oferecem aspectos intercambiantes no diálogo com as Ciências da Religião, tanto quanto os que citamos antes.

O enfoque fenomenológico, da maneira como colocado por seus expoentes – Husserl, Heidegger, sobretudo depois de sua apropriação pela Psicologia Clínica – vislumbra questões acerca do sofrimento, da angústia, solidão, tristeza – alegria também, mas salienta principalmente os elementos dramáticos da existência humana –, tornando-se todas elas fenômenos passíveis de *redução fenomenológica*, conforme sua terminologia própria. A *redução fenomenológica* permite a tomada de contato com aspectos específicos, como "constituintes de uma totalidade, no seio da qual o mundo e o sujeito revelam-se, reciprocamente, como significações" (FORGHIERI, 1993, p.15). O que aqui podemos considerar do ponto de vista de uma *redução fenomenológica* é a experiência em si mesma e os elementos que a constituem – tal como nos propomos em relação a Agostinho. Nesta linha de pensamento, a autora citada já havia se referido antes:

> Sabemos, verdadeiramente, o que é a tranquilidade ao vivenciar uma situação de angústia; sentimo-nos profundamente sozinhos quando já partilhamos nosso existir com alguém; sabemos, de fato, no que consiste o infortúnio, se já tivemos ocasião de nos sentirmos felizes (FORGHIERI,1993, p.10).

Vista sob este enfoque, a experiência agostiniana é fenômeno porque vamos tomá-la como referência para o nosso estudo como algo próprio de uma existência singular, a qual, igualmente a qualquer outra experiência humana, torna-se permeada por um *drama* pessoal. Este drama nos é apresentado por Agostinho numa análise retrospectiva em que rememora elementos pungentes de sua vida, tais como os apontados na narrativa que aqui trouxemos. A religião, enquanto fenômeno, se insere nesta mesma perspectiva dramática, uma vez que a humanidade é a ela remetida em sua percepção de incompletude, de inquietação diante da finitude da existência,

no desejo de plenificação, voltando-se para a transcendência diante de um mundo muitas vezes percebido como inóspito e sem sentido.

Na tentativa de ultrapassar a solidão humana, o homem fala de si e do mundo, bem como de sua relação no mundo e cria *textos* que se comunicam com os seus interlocutores numa dimensão relacional. A literatura religiosa autobiográfica abre-nos a esta interlocução de forma privilegiada, que muitas vezes se nos impõe remetendo-nos a uma reflexão e ressignificações existenciais sem a qual – parafraseando Sócrates – "a vida não merece ser vivida". Agostinho refere-se a esta intenção já no início de suas *Confissões,* e assim, é levado a promover esta incursão em "primeira pessoa".

Considerações finais

Portanto, retomando a questão do *sentido* do qual falávamos de início, o homem deve tomar posse do *sentido* de sua vida. Atualmente, tem sido muito usado o termo *empoderamento*, significando esta tomada de poder sobre si mesmo. O itinerário agostiniano é religioso, mas o *sentido* é humano, porque existencial. Outros itinerários podem ser percorridos sem ser o religioso, mas aqui nos interessa focar a experiência deste autor em particular, fenômeno sobre o qual nos debruçamos. No entanto, falar em *subjetividade* em Agostinho implica necessariamente falar em *intersubjetividade*, pois a sua antropologia, concebida a partir das Escrituras bíblicas se desdobra numa ética. No diálogo com as Ciências da religião, a ética deve perpassar, portanto, todas as *vozes* das Ciências e da Religião, para que outros itinerários ganhem legitimidade na busca de sentido na vida. Neste caso, nos encontramos também aqui com um *intertexto*.

Dimensionadas ao campo da intersubjetividade a partir da *ordo amoris*, encontramos uma diversidade de terminologias afins em sua semântica, tais como *cuidado*, *fraternidade*, *solidariedade*, entre outras já

mencionadas, que tornam-se categorias fundantes na instauração de um paradigma eficaz na preservação do gênero humano – e não só humano, pois sem os demais gêneros (entendido aqui no sentido biológico do termo, ou seja , dos diversos organismos) o humano não sobrevive. Ou admitimos esta factível e *fatal* imbricação ou nos extinguiremos mutuamente. A *ordo amoris* consiste numa ordenação sistemática do mundo – incluindo o humano, onde tudo que se encontra na natureza tem um plano determinado (por Deus) –, mas pode também ser entendida como um imperativo, no sentido de cumprimento a uma ordem. Precisamos compreendê-la, quem sabe, nestas duas perspectivas que advindas de uma matriz religiosa restaura o sentido de *religare*, já mencionado, próprio desta matriz. No entanto, as instâncias que deveriam nos conduzir a este elo formativo, muitas vezes se colocam em direção contrária. É o que contemplamos nos dias atuais face ao rigorismo religioso fundamentalista que se contrapõe aos pressupostos doutrinários professados pelas próprias religiões – uma vez que encontramos no bojo das chamadas religiões tradicionais a promoção de valores universais que sustentam a dignidade humana e a pessoa como um bem inalienável, refutando, assim, tudo aquilo que viola este princípio.

Não faz sentido para a época atual buscarmos uma nova apologética cristã nem de qualquer outra confissão em respeito à realidade plural na qual estamos imersos. Precisamos, no entanto, contextualizar o texto agostiniano que, historicamente situado, apresenta-se como confessional e apologético, sobressaindo-se marcantemente nesta sua obra autobiográfica. Discutir sobre a existência de Deus ou mesmo provar sua existência tornara-se uma *obsessão* medieval que nunca se perdeu. Naquela época, naturalmente, voltada para o deus cristão, porém encontramos relatos anteriores também em relação às religiões politeístas (STREFLING, 1993, p.46). Deste modo, a experiência com o divino torna-se presente em todas as culturas, deixando seus vestígios que se perpetuam de forma plural na caminhada da humanidade.

Se tomarmos isoladamente o emblemático texto do Livro X – *Tarde vos amei!* –, o que encontramos é uma declaração de amor que, aos poucos, vai sendo identificada como dirigida ao transcendente. Expressão de amor que parece igualmente relatada em experiências místicas presentes em qualquer confissão de fé. Daí nos perguntarmos: em que medida o texto agostiniano pode ser significativo nos dias de hoje? Qual o impacto que esta literatura pode trazer na atualidade, sobretudo que interface pode apresentar no campo das Ciências da Religião? Tratando-se de uma literatura tardia, como colocá-la em discussão?

Diante do exposto, consideramos que a literatura ora apresentada, articula-se com o expressivo paradigma de fraternidade – portanto, a *ordo amoris* como elemento formativo – que permeia os dias atuais, professado seja através de pessoas representantes de uma dada confissão de fé ou de nenhuma e com ele estabelece os seus liames. Buscado através do referencial da fé, o fenômeno religioso abre-se ao campo da experiência humana. Nesta perspectiva, as Ciências da Religião têm usufruído de um profícuo diálogo entre si, em sua constitutiva interdisciplinaridade.

Por seu prodígio de beleza poética queremos trazer aqui, para contemplar o leitor, o mencionado texto do Livro X – *Tarde Vos amei!* –, ligeiramente modificado com a troca da segunda pessoa do plural para a segunda do singular, evidenciando o *tu* de Deus, o *Outro*, ao qual nos referimos em nosso texto:

> "Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova!
> Tarde Te amei!
> Eis que habitavas dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Te!
> Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criaste.
> Estavas comigo, e eu não estava contigo!
> Retinha-me longe de Ti aquilo que não existiria se não existisse em Ti.
> Porém chamaste-me com uma voz tão forte que rompeste a minha surdez!
> Brilhaste, cintilaste e logo afugentaste a minha cegueira!
> Exalaste perfume: respirei-o, suspirando por Ti.
> Saboreei-te, e agora tenho fome e sede de Ti.
> Tocaste-me e ardi no desejo da Tua paz".

Referências

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões; De magistro**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores).

_____. **Solilóquios; A vida feliz** (Patrística; 11). 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 11).

_____. **A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2007. (Patrística, 19).

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRACHTENDORF, Johanes. **Confissões de Agostinho**. São Paulo: Loyola, 2012.

CONCEIÇÃO, Douglas. Levar a mão sobre si: religião e literatura autobiográfica. In: NOGUEIRA, Paulo (Org**.). Religião e linguagem**: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da Ciência da Religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Manual para normatização de trabalhos acadêmicos**. Recife: INSAF, 2006.

_____. O amor enquanto fundamento ético-moral de socialização do homem: a dimensão social do amor em Santo Agostinho**. Cadernos da ESTEF,** Porto Alegre, v. 2, n. 21, p. 54 -63, jul./dez. 1998.

_____. O amor, fundamento da moral interior em Santo Agostinho**. Perspectiva Filosófica - UFPE**, Recife, v. 4, n. 9, p. 117 – 128, jul./dez. 1996.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 1993.

FORTE, Bruno. **À escuta do outro**: filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2010.

FRANKL, Victor Emanuel. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 14. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

GONÇALVES, Ivani Calvani. **A autobiografia na história literária**. Disponível em: <pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/42.pdf.> Acesso em 09 ago. 2016.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho.** São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.

_____. **Introduction à l'étude de saint Augustin**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1943.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

NAVARRO CORDÓN, Juan Manuel ; CALVO MARTINEZ, Tomás. **História da filosofia**. Lisboa: Edições 70, 1985. v.1.

NOGUEIRA, Paulo (Org.). **Religião e linguagem**: abordagens teóricas interdisciplinares. São Paulo: Paulus, 2015.

MALTESE, Pompeia R. S. No jardim de Milão: o itinerário agostiniano da exortação à conversão a partir de Rm 13, 13-14. In: SEMANA DE TEOLOGIA: bioética e ecologia integral: a vida em nossas mãos. 21., 2016. **Anais da XXI Semana de Teologia**, Recife: UNICAP, 2O16. No prelo.

PALACIOS, Pelayo Moreno (Org.). **Tempo e razão**: 1600 anos das Confissões de Agostinho. São Paulo: Loyola, 2002.

STREFLING, Sérgio Ricardo. A atualidade das Confissões de Santo Agostinho. **Telecomunicação – PUCRS,** Porto Alegre, v. 37, n. 156, p. 259 – 272, jun. 2007.

_____. **O argumento ontológico de Santo Anselmo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

TEIXEIRA, Evilázio Borges. **Imago Trinitatis**: Deus, sabedoria e felicidade: estudo teológico sobre o De Trinitate de Santo Agostinho. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.